

A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

MÚSICA. O FLAUTISTA, COM SEU SOM E MOVIMENTOS, VAI INDICANDO ONDE TODOS DEVEM SE ACOMODAR. O PROFESSOR VANDELLI ENCONTRA-SE ADORMECIDO NUMA POLTRONA. A FAXINEIRA ENTRA EM SEGUIDA, APÓS A PLATEIA SE SENTAR.

FAXINEIRA: Ai, que trânsito que eu peguei...Que ônibus apertado, que fila, pra entrar no ônibus. Tava tão cheio...Eu vim assim, (ela se encolhe) e o ônibus foi enchendo, aí eu fiquei assim...(SE ENCOLHE AINDA MAIS) depois assim (se contorce) e quando eu estava bem assim (OLHA PARA OS PÉS) foi que eu reparei...Uma meia de cada cor! Foi a pressa, eu sou muito distraída...Tomara que ninguém repare...

OLHA EM VOLTA, PROCURANDO.

FAXINEIRA: Onde estão meus instrumentos de trabalho?

ENCONTRA UM ESPANADOR E UMA FLANELA.

FAXINEIRA: Vem cá, neném. Nem sei nem por onde começar...

Ela trabalha alguns segundos espanando, até que algo a incomoda no olho. Ela tenta tirar, fica com um olho aberto e outro fechado.

FAXINEIRA: Hoje não é meu dia! O olho não abre! Vou passar o dia inteiro assim? (um olho aberto, outro fechado)

AFLIÇÃO, ATÉ QUE ELA CONSEGUE TIRAR UM CÍLIO, SEGURA-O COM CUIDADO NO DEDO.

FAXINEIRA: Um cílio? Posso fazer um pedido. (PENSA) O que será que eu peço? Dinheiro? Sucesso? Uma bicicleta, para eu não ter que andar nesse ônibus apertado? (OLHA OS PÉS) Um par de meias que combinem? Queria mesmo era alguém pra conversar, alguém cheio de ideias?

ELA ESPANA A ESTÁTUA DE VANDELLI. FLAUTA. VINHETA DE SUSPENSE. ELE DESPERTA.

FAXINEIRA: Ah meu Deus, gastei meu pedido, com a estátua! E eu nem conheço esse homem...

VANDELLI: Prazer...Domenico Vandelli, as suas ordens. Posso saber onde estamos?

FAXINEIRA: Onde estamos? Ora, estamos num museu...

VANDELLI: Mas, eu não reconheço esse museu...

A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

FAXINEIRA: Não seja por isso, eu lhe apresento, Senhor Vandelli, museu, museu senhor Vandelli... (PARA A PLATEIA) E agora? O que eu faço? O homem acordou, do nada. O poder da minha mente é muito forte...

VANDELLI: Escuta, mocinha, essa construção me parece um tanto moderna, posso saber em que ano estamos?

FAXINEIRA: 2008, por que?

VANDELLI: (PARA A PLATEIA) Vou fingir que acredito...E, nesse ano de 2008, se usa assim, uma meia de cada cor?

FAXINEIRA: O senhor reparou? Gostou?

VANDELLI: É interessante...E o museu? É seu?

FAXINEIRA: Claro que não, sou apenas uma faxineira...

VANDELLI: (PARA O PÚBLICO) Que pensa que está em 2008...melhor não contrariar. E o que temos nesse museu?

FAXINEIRA: Não sei lhe dizer muito bem, moço, minha especialidade é poeira. Eu lustro os móveis, e não posso tirar nada do lugar.

Ele olha em volta, se detém diante de um objeto, que reconhece.

VANDELLI: Mas isso aqui...esses escritos são meus! Fui roubado! Roubaram meus escritos...

FAXINEIRA: Quando foi que o senhor escreveu isso aí?

Vandelli, diante de outra prancha.

VANDELLI: Esse tratado, finalizei em...mil setecentos e ..

FAXINEIRA: E só agora que o senhor reparou que roubaram? Depois eu é que sou a distraída...

VANDELLI DIANTE DE OUTRA PRANCHA.

VANDELLI: E esse aqui...Já sei onde estou. Estou diante do museu das minhas memórias. Que sempre sonhei em construir...Mas será que construí enquanto sonhei? Ou foi ao contrário?

FAXINEIRA: Agora sou eu que não estou entendendo mais nada....Quem é o senhor?

A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

VANDELLI: Já disse. Domenico Vandelli, filósofo, químico, botânico, e acima de tudo, um curioso. Me formei em filosofia e medicina na Universidade de Pádua, na Itália, onde nasci, e parti para Portugal em 1764, para ensinar no Real Colégio dos Nobres. Essa primeira experiência não deu muito certo, mas anos depois, fui convidado pelo marques de Pombal a ensinar Química e História Natural na Universidade de Coimbra.

FAXINEIRA: E o senhor ensinava história natural e química, ao mesmo tempo?

VANDELLI: Claro que não...A Universidade ainda nem estava pronta, por isso, inaugurei o curso de química na cozinha e no refeitório do Colégio dos Jesuítas...Com o passar dos anos, tornei-me português de coração. Foi em Portugal que realizei quase todos os meus sonhos, estudei, pesquisei, organizei coleções, embora nem sempre fosse compreendido.

FAXINEIRA: E de onde vem esse seu interesse pela natureza?

VANDELLI: Que eu me lembre, desde sempre. Minha curiosidade me fez trocar cartas com muitos pesquisadores, durante quinze anos me correspondi com o grande botânico Carlos Lineu....

FAXINEIRA: (APONTA ALGO DE LINEU NA EXPOSIÇÃO) Esse aqui? Poderoso.

VANDELLI: Fui o primeiro a descrever e nomear a *Dermochelys Coreacea*, mais conhecida como tartaruga de couro. Essa aqui. (APONTA) que foi enviada pelo Papa Clemente III para a cátedra de História Natural da Universidade de minha cidade.

Ela vai até a imagem do dragoeiro.

FAXINEIRA: E essa árvore, aposto que foi o senhor que descreveu.

VANDELLI: Um dos meus primeiros trabalhos. *Dracena Draco*, mais conhecida como Dragoeiro, é uma planta originária da (Macaronésia) nativa das Ilhas Canárias. É uma árvore pré-histórica, alguns exemplares podem alcançar dimensões enormes. Sua seiva era utilizada como cicatrizante e estimulante do organismo, servia também como tintura para pinturas rupestres e as folhas eram usadas para artesanato. O Dragoeiro é associado a rituais de magia e experiências alquímicas, e sua seiva vermelha ficou conhecida por sangue de dragão.

FAXINEIRA: Interessante...mas tem uma coisa que não entendo muito bem... Porquê guardar tudo num museu? Os animais, os minerais, esse monte de ossos... Não seria melhor deixar a árvore na mata, o pássaro no galho e a tartaruga no mar aberto? Não ia ficar mais organizado, cada coisa em seu lugar natural?

VANDELLI: Sabe que...essa é uma teoria interessante. Mas só iria funcionar se o mundo “congelasse”, se não houvessem transformações, nem evoluções, entende?

A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

FAXINEIRA: Sinceramente não, boiei...

VANDELLI: Pois eu digo a você que um museu tem mil e uma utilidades, é como se fosse a história viva do homem, serve também como memória. (p) Se não fossem os primeiros gabinetes de curiosidades, seria ainda mais difícil entender e acompanhar a evolução das espécies. Um museu é como um livro aberto, e as páginas estão bem diante dos seus olhos. É também uma forma de olhar o passado e proteger o futuro...Melhorou?

FAXINEIRA: Muito...

VANDELLI: Foi assim que começamos. Primeiro com as coleções particulares, os gabinetes de curiosidades...

FAXINEIRA: (SEM ENTENDER) Gabinetes, curiosidades?

VANDELLI: Os gabinetes foram criados para guardar e organizar objetos e relíquias coletadas na natureza, para uso e estudo de curiosos como eu. (Aqui está um exemplo) Se você conseguisse imaginar...

FAXINEIRA: O que?

VANDELLI - Imagine se você vivesse na minha época.

FAXINEIRA: Eu? Isso não vai dar certo...

VANDELLI: Digamos que você fosse a... princesa de Portugal, filha de D. José.

FAXINEIRA: E quem é essa filha de Dom José?

VANDELLI: Dona Maria, que mais tarde, infelizmente...

FAXINEIRA: Ficou louca? Ah esse eu não quero fazer. Não tem outro personagem? Uma marquesa?

VANDELLI: Não, e nesse momento D. Maria está muito lúcida. (p) Então, se você fosse D. Maria, princesa de Portugal, e vivesse num país que estava sendo reconstruído porque havia sofrido um terremoto terrível, devastador...

FAXINEIRA: Portugal teve um terremoto e ninguém me avisou?

VANDELLI: (ao público) O terremoto foi em 1755. (pra faxineira) Não me interrompa, senão perco o fluxo das ideias. Então, Dona Maria, o que farias? O que dirias? Como princesa, e futura regente?

Faxineira muda o tom, se abana com o espanador, como se fosse um leque.



A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

FAXINEIRA/D.MARIA: Sr. Domenico! Falta muita coisa aqui no nosso reino. Precisamos organizar os jardins, reformar a universidade, precisamos de mais cursos e mais professores capacitados!

VANDELLI: Pois muito bem, concordo. Então, trabalharemos juntos, visto que fui nomeado diretor científico do Jardim Botânico e do Museu de História Natural. Preciso também de um bom jardineiro chefe, botânicos, desenhistas, ferramentas adequadas.

FAXINEIRA/D.MARIA: Mas cuidado para não gastar demais, papai diz que seus projetos às vezes são muito ambiciosos, sonhadores também... Devemos gastar menos com esse jardim. Desde quando as plantas são fontes de riquezas?

VANDELLI: Desde que compreendemos sua importância na economia. Em breve escreverei um tratado: "Memória sobre a preferência que em Portugal se deve dar à agricultura sobre as fábricas" O que achas?

FAXINEIRA/D.MARIA: Acho que precisamos de ouro, isso sim, ouro e riquezas das nossas colônias. É isso que devemos buscar...

VANDELLI: Mas se uma planta vale ouro, D. Maria, pense bem no que dizes...

FAXINEIRA/D.MARIA: Vou pensar, enquanto isso, deixo a seu cargo a educação botânica dos meus queridos pimpolhos. Ensine tudo o que puder a eles sobre essa tal arte da jardinagem. E o que mais lhe aprouver também....

VANDELLI: Então, saiba que já começamos. D João, por exemplo, é um garoto muito interessado e aplicado na arte da jardinagem. Quem sabe, se no futuro, por razões alheias, a Corte Portuguesa precise se mudar? Para outro continente, talvez, até mesmo aquelas gloriosas e inexploradas terras do Brasil?

FAXINEIRA/D.MARIA: Estás variando, senhor Vandelli? Que ideia mais estapafúrdia essa, mudar-se toda a corte, de mala e cuia para aquele fim de mundo? Nem pensar. Dedique-se apenas a ensinar os meninos o que é necessário. Enquanto isso, vou ajudar papai a resolver pepinos com a política externa. A França não está sendo nada gentil...Temo pelo nosso futuro.

VANDELLI: Mais um motivo para Portugal se preparar como nação. Além da Botânica, e da Química, pretendo escrever vários tratados sobre geopolítica, economia, educação.... Espero ter tempo para tudo isso.

ELE PEGA UMA CANETA E PAPEL.

VANDELLI - Vou sugerir também que sejam enviados naturalistas com as expedições das demarcações de fronteiras, entre Portugal e Espanha assim que o tratado da partilha for assinado.

A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

FAXINEIRA/D. MARIA: Mas porque enviar naturalistas? Melhor mandar homens com armas.

VANDELLI: Aí é que a senhora se engana: Porque só um naturalista é que pode avaliar o valor real dos terrenos que nos couberem. Se nesse terreno há riqueza, cabe ao naturalista descobrir...entendeu?

FLAUTA, MÚSICA, ELA VOLTA A SER FAXINEIRA. PEGA UMA BANDEJA COM UMA XÍCARA E OFERECE A VANDELLI.

FAXINEIRA: Hora do café, doutor...Cafezinho fresco, da melhor qualidade...

VANDELLI: (ELE PROVA) Sabes que...Já fiz muitas experiências com esse tipo de produto?

FAXINEIRA: Vai dizer que o senhor também sabe fazer café?

VANDELLI: Não estou falando do café, que muito me agradou, e sim da louça...

FAXINEIRA: Quer dizer que o senhor além de escrever memórias, inventar gabinetes, empalhar passarinho, dar nome pra tartaruga, estudar os minerais, animais, vegetais, o senhor também gosta de ir ao mercado comprar louça? Como é que o senhor tem tempo pra tudo isso?

VANDELLI: Eu não compro louça, eu fabrico esta louça. Não exatamente essa, mas...esqueceste que sou químico?

FAXINEIRA: E o que tem uma coisa a ver com a outra?

VANDELLI: A arte da química é a arte de experimentar materiais.

FAXINEIRA: Como assim....Desculpa mas boiei.

VANDELLI: Então explico. Graças as experiências no Laboratório Químico da Universidade, aquele onde inaugurei a aula na cozinha...O resultado de minhas experiências é que criei a "Louça de Vandel", produzida com matéria prima brasileira, importada da colônia, e também inovei na cor.

FAXINEIRA: O senhor pintou a louça também? Além de tudo, é pintor?

VANDELLI: Não, mas Portugal praticamente só fabricava uma louça azul e branca. Resolvi dar um colorido as nossas xicrinhas...

ELE CAMINHA ATÉ ONDE ESTÃO EXPOSTAS AS FOTOS DOS BALÕES.



A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

VANDELLI: Olha só o que encontrei...Minhas primeiras experiências com máquinas aerostáticas.

FAXINEIRA- Aero o que?

VANDELLI: Máquinas levíssimas, feitas para voar. Os primeiros balões, sonho de muitos homens.

FAXINEIRA: E quem fez a primeira dessas máquinas? Não vai dizer que...

VANDELLI: Não, não fui eu. Foi o padre Bartolomeu de Gusmão, que nasceu no Brasil, em Santos, que apresentou a ideia ao Imperador D. João V, em 1709.

FAXINEIRA: E como foi que ele teve essa ideia?

VANDELLI: Observando uma simples bolha de sabão, que ao passar pela chama de uma vela, foi elevada as alturas. Ficou conhecido como o padre voador. Muitos anos depois dois irmãos franceses fizeram voar um balão com três animais a bordo. Um carneiro, um pato e um galo, e sobre isso publicou-se uma fábula em que os animais contavam a sua versão da viagem. Depois foi a vez dos homens subirem nos balões, que foram se aperfeiçoando.

FAXINEIRA: E o senhor subiu no balão?

VANDELLI: Eu não, mas meus alunos sim. Como dever de casa, pedi que preparassem uma máquina aerostática e fizessem voar um balão. (p) E num belo dia, sereno e sem vento, diante de todo o corpo acadêmico, da nobreza e do povo, meus alunos fizeram subir um balão sobre os céus de Coimbra.

FAXINEIRA: E pra que outros lugares o senhor viajou?

VANDELLI: Basicamente a Europa...e arredores.

FAXINEIRA: O senhor nunca pos os pés no Brasil?

VANDELLI: Nunca. Por isso inventei “A arte de viajar, sem sair do lugar” As viagens filosóficas...Quando disse a rainha que precisava enviar os naturalistas para estudar as novas terras, fiquei pensando: porque não transformar essa pesquisa em algo maior? A viagem filosófica pode ser entendida como uma consulta ao “Grande Livro da Natureza”. Preparei meus alunos para observar desenhar e registrar os costumes dos povos, a flora, e a fauna. E tudo o que foi era destinado aos museus, jardins botânicos e academias, para que os estudiosos se dedicassem à leitura desta Enciclopédia da Natureza”.

FAXINEIRA: Foram muitas viagens?

A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

VANDELLI: Muitas... Alguns foram para Angola, Cabo Verde, África e para o Brasil é claro.

FAXINEIRA: E quem é que foi para o Brasil?

VANDELLI: Alexandre Ferreira...

FAXINEIRA: Eu conheço esse nome de algum lugar... (PENSA) É o nome de uma rua... Meu ônibus passa lá...

VANDELLI: Ônibus?

FAXINEIRA: É uma espécie de lata de sardinha, só que bem mais apertado. Depois eu lhe mostro... Continue, estava falando do Alexandre Ferreira...

VANDELLI: Um brasileiro, nascido na Bahia, que veio estudar em Coimbra ainda muito jovem. Comandou a expedição científica mais importante de todas. Percorreu o interior do país durante nove anos e produziu um rico acervo: diários, mapas, e cerca de 900 pranchas e memórias. A viagem foi planejada para ser composta por quatro naturalistas, mas devido aos drásticos cortes financeiros, ficou resumida a apenas um naturalista, um jardineiro botânico, e dois riscadores (desenhistas) que ficaram responsáveis pela tarefa de coletar espécies, classifica-las e prepara-las para o embarque rumo a Lisboa.

FAXINEIRA: Os quatro fizeram tudo isso?

VANDELLI: Também estudaram o desempenho das lavouras, os percursos de rios e produziram mapas da população e da produção agrícola, verificando as condições das vilas e fortalezas destinadas a suportar as invasões estrangeiras que pudessem ocorrer. Mesmo contando com recursos precários, Ferreira conseguiu percorrer as capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá.

FAXINEIRA: Nove anos embrenhado na mata? Deve ser por isso que ele virou nome de rua...E quando o material chegava em Portugal, o senhor escrevia as tais das memórias...

VANDELLI: Como esta aqui, Memória sobre a utilidade dos Jardins Botânicos. Memória sobre o cobre virgem ou nativo da Capitania da Bahia, *Florae Lusitanicae et brasiliensis specimen*... “Memória sobre a Ferrugem das Oliveiras” “Sobre as minas de ouro do Brasil, sobre os diamantes”. “Memória sobre varias misturas de materiais vegetais na factura de chapéus” Observações de Chimica e Historia Natural, E também, “como transmutar o ferro em perfeito aço” “Memória sobre as águas livres”, “Memória sobre a necessidade de uma viagem filosófica feita no reino, e depois nos seus domínios”, e por aí vai...

FAXINEIRA: E valeu a pena, esse trabalho?

A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

VANDELLI: Com certeza valeu, parece até que eu estava adivinhando. “A única saída é partir para o Rio de Janeiro”. Já havia dito isto, anos atrás. Quando a família real teve que se mudar para o Brasil, D. João já estava preparado, ao menos em espírito, para o mundo novo que ele iria encontrar. De alguma forma ajudei a abrir os olhos de um menino, que mesmo não querendo tornou-se rei do Brasil. Isso me dá muito orgulho...

FAXINEIRA: Mas até agora não entendi, porque o senhor não veio junto com D. João e a família real para o Brasil?

VANDELLI: Porque infelizmente já havia passado da idade de me aventurar por esses mares afora...

FAXINEIRA: Que isso, o senhor está ótimo, pra idade que tem... (CONTA NOS DEDOS) deixa pra lá...

VANDELLI: E também porque precisava terminar os meus escritos e as memórias. E através das viagens que planejei, foi como se eu também estivesse na sombra de um drageiro, junto com a corte portuguesa, ajudando a plantar as sementes do Brasil. Dizem que D. João mandou fazer um lindo Horto Real numas terras que pertenciam a um tal Rodrigo de Freitas.

FAXINEIRA: É verdade...Tenho uma surpresa para lhe mostrar...

VANDELLI: Adoro surpresas...surpreenda-me!

Ela olha o relógio, meio aflita, se levanta.

FAXINEIRA - A conversa está muito boa, mas infelizmente está na minha hora...Senhor Domenico, meu ônibus já vai chegar. Não posso perder minha lata de sardinha...(p) Mas eu gostei muito de lhe conhecer.

VANDELLI: E eu também, mas por favor, não me chame de Domenico, (p) pode me chamar de Domingos, é meu nome em português, do país que adotei. Posso lhe acompanhar, até esse tal de ônibus?

FAXINEIRA: Claro, e no caminho eu lhe mostro a surpresa...Olha aqui, dessa janela, reconhece alguma dessas plantas?

VANDELLI: Ora, pois, acho que conheço várias, esse jardim me parece bem familiar...Vamos?

ELES SAEM E VANDELLI SE SURPREENDE COM O JARDIM QUE CONTÉM ALGUMAS DAS ÁRVORES QUE ELE DESCREVEU. FLAUTA TOCA O TRENZINHO CAIPIRA, DE VILA LOBOS. ELES RETORNAM USAM UM OUTRO TOM, SEM ESTAR MAIS NOS PERSONAGENS.



A ARTE DE VIAJAR SEM SAIR DO LUGAR

Texto de Denise Crispun

FAXINEIRA: Durante as invasões francesas, Domingos Vandelli foi acusado de ter-se afrancesado, e em 1810, com 80 anos, foi preso e deportado para a Ilha Terceira, em Açores, juntamente com outros suspeitos.

VANDELLI: Ainda no exílio, ele conseguiu uma autorização para viajar para Inglaterra, de onde regressou, anistiado, em 1815. Morreu no ano seguinte, em Lisboa, Portugal, seu país de adoção, onde viveu, trabalhou e escreveu por mais de cinquenta anos. Grande parte do acervo recolhido das viagens filosóficas foi confiscado pela França e passou a integrar o Museu de História Natural de Paris.

FAXINEIRA: Um de seus filhos, Alexandre Antonio Vandelli casou-se com Carlota de Andrada, filha de José Bonifácio Andrada e Silva, tutor de D. Pedro II...mas isso já uma outra história, que fica para uma próxima vez...

FIM

Rio de Janeiro, Junho 2008

Essa peça foi encenada no Museu do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, na ocasião da exposição sobre Domenico Vandelli

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Contato Autora: denisecrispun@gmail.com